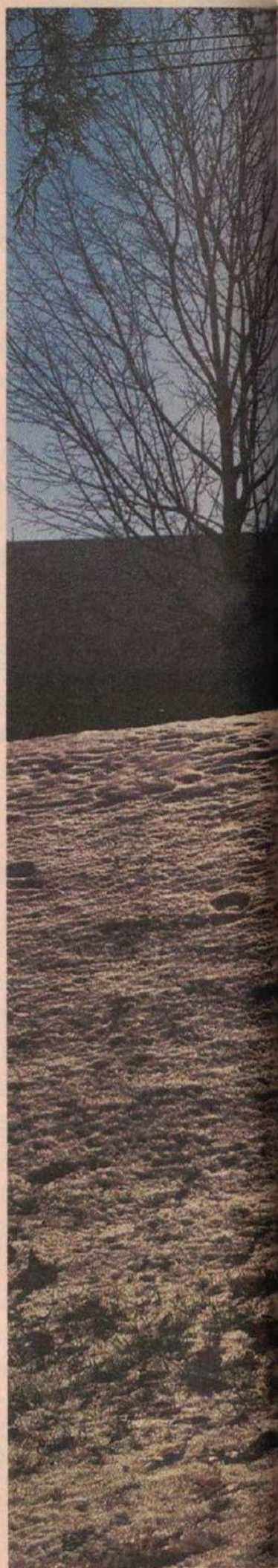


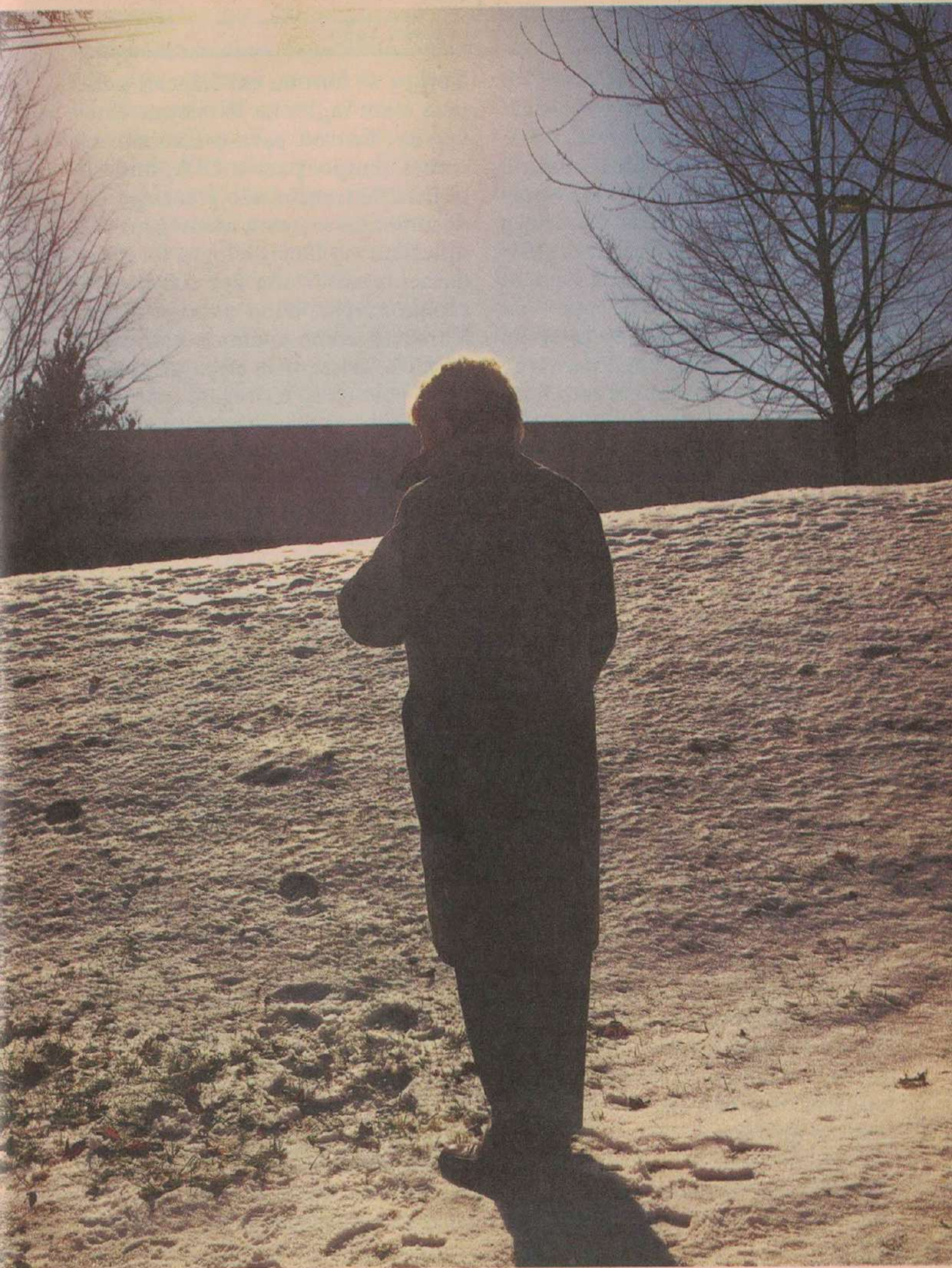
SOLDADO SECRETO

POR RUDOLPH CHELMINSKI

ELE É UM DOS grandes heróis anônimos da guerra fria. Oficial de alta patente do Exército polonês e sincero patriota, o coronel Ryszard Kuklinski progrediu na carreira de estrategista militar, trabalho altamente confidencial. Mas seu acesso a informações importantes acarretou uma revelação terrível: a de que o cerne da estratégia soviética oferecia sua nação em sacrifício. Sob constante perigo de ser descoberto, ele trabalhou para frustrar os planos soviéticos que praticamente destruiriam seu país. Saiu vitorioso, mas a um preço muito alto.

Ideal patriota- Durante quase uma década, Ryszard Kuklinski travou uma batalha solitária.





EM ABRIL de 1973, David Forden, agente da CIA, aproximava-se do fim de sua temporada de serviço na Cidade do México. Um oficial superior da Divisão Soviética e do Leste Europeu da agência, que acabara de voltar de Washington, fez-lhe sinal para que se dirigisse a um canto tranqüilo e perguntou:

– Como está seu polonês?

– Enferrujado – respondeu Forden. – Por quê?

– Eu o aconselho a contratar um professor particular. Estamos com um caso novo e extraordinário em Varsóvia, e precisamos de alguém para assumi-lo, alguém que conheça as manhas clandestinas do ofício. Denominamos o caso de Operação GULL. Vamos precisar de sua participação nela.

A agência acertou ao designar Forden responsável pelo caso. Como intermediário-chave dessa nova e espetacular fonte de informações secretas, sua habilidade, compreensão e capacidade de julgar todo tipo de caráter ajudariam a determinar o sucesso ou o fracasso da operação.

Frio, discreto e intelectual, Forden, 42 anos, cresceu perto de Buffalo, Nova

York, e se formou em ciências políticas e em inglês na Wesleyan University. Entrou para o Exército e, com o tempo, para a CIA, onde a ciência de transmissão e entrega de documentos secretos, mensagens codificadas, vigilância e logro foi rapidamente absorvida por sua mente rápida e viva. Uma passagem por Varsóvia, como chefe do escritório da CIA, criara nele afeto profundo pelos poloneses, e simpatia por suas difíceis lutas cotidianas contra o opressivo regime comunista.

Quando Forden regressou a Washington, começou a estudar os arquivos da Operação GULL, e fi-



Carreira promissora— Em 1954, o talento do capitão Kuklinski já se destacava.

cou cada vez mais curioso a respeito do homem com quem deveria entrar em contato: Ryszard Kuklinski, oficial do Exército polonês. O coronel Kuklinski não fora recrutado, como costuma ocorrer no jogo da espionagem. Pelo contrário, *ele* recrutara os Estados Unidos.

Outro fator igualmente importante era que ele não pedia dinheiro nem poder; estranhamente não pedia nada. Tudo que queria era ajudar seu país. *Um idealista puro*, pensou Forden. Seria mesmo?

A formação de um patriota

RYSZARD KUKLINSKI havia conquistado cedo seu senso de moralidade. Aos 9 anos, quando as tropas de Hitler invadiram a Polônia, em 1939, ele morava num prédio perto da principal sinagoga de Varsóvia. Ryszard testemunhou a brutalidade nazista quando soldados alemães enfileiraram 30 homens contra o muro de um edifício perto de sua casa e os executaram. Depois que os corpos foram levados, Ryszard saiu furtivamente para a rua, ajoelhou-se e mergulhou seu livro de orações na poça de sangue.

Logo a família do menino sentiria a brutalidade na própria pele. Ryszard adorava o pai, homem encantador, engraçado e meigo, mas também um lutador no exército da resistência subterrânea. Na primavera de 1943 a Gestapo o levou e a família nunca mais o viu.

Pouco depois de seu 13º aniversário, Ryszard se viu num campo alemão de trabalhos forçados, confinado junto a prisioneiros russos. Ao fim da guerra ele fugiu e, em certa manhã de 1945, no caminho de volta para casa, presenciou a marcha do Exército Vermelho na cidade alemã de Breslau. De pé na calçada, aplaudiu os vitoriosos. Como muitos poloneses, Ryszard via como heróis os soldados soviéticos.

Sua alegria, porém, se misturou à tristeza. Ao voltar a Varsóvia, encontrou a cidade em ruínas. O prédio onde antes morava era agora um monte de escombros. Inflamado pelo idealismo, ele prometeu dedicar a vida a defender seu país contra futuros invasores.

Para Ryszard, proteger sua terra agora significava aliar-se aos soviéticos, que haviam libertado a Polônia dos alemães. Em 1947 ele foi aceito na Escola de Oficiais da Infantaria do Exército. Ali tinha início sua carreira militar.

Ryszard casou-se em 1952 e teve dois filhos. A vida familiar com os meninos e a mulher, Joanna, a quem afetuosamente chamava Hanka, era muito feliz.

Entretanto, com o passar dos anos o Exército polonês mudou, à medida que os soviéticos intensificavam seu controle do país. Os oficiais não comunistas foram afastados. Os tradicionais uniformes poloneses foram substituídos pelos modelos russos. As orações em grupo e as canções patrióticas polonesas, que ou-

trora tanto haviam emocionado Ryszard, foram eliminadas em favor de reuniões do partido e palestras sobre o marxismo-leninismo.

Mesmo a simulação de independência nacional já havia desaparecido quando um marechal soviético assumiu o Ministério da Defesa polonês. A Polônia estava se transformando numa colônia russa. O hino nacional proclamava: "A Polônia não será vencida enquanto vivermos." Agora essas corajosas palavras soavam na cabeça de Ryszard feito uma piada cruel.

Tocando a serpente

O JOVEM OFICIAL tentou expulsar esses pensamentos da cabeça e mergulhou no trabalho — e ninguém trabalhava tão duro quanto Ryszard Kuklinski. Sempre que ocorria um problema mais grave, ou quando havia um trabalho de última hora a ser feito, a instrução era invariavelmente a mesma: "Fale com Kuklinski."

Seus esforços foram notados e recompensados. Em 1964, Ryszard foi promovido a major do estado-



Tempos felizes— Nesta foto do álbum de família, Kuklinski aparece, orgulhoso, ao lado da mulher, Hanka, da mãe e de um jovem amigo.

maior em Varsóvia. Lá ele encontrou a verdadeira vocação: o planejamento de exercícios militares em larga escala. E nessa condição foi ficando cada vez mais perturbado com o que via.

Ao coordenar um exercício conjunto de tropas soviéticas e polonesas numa floresta a sudoeste de Gdansk, Ryszard acompanhou um punhado de oficiais a um grande furgão cáqui escondido por uma rede de camuflagem. Dentro do veículo, técnicos do Exército Vermelho monitoravam painéis de equipamentos eletrônicos que zumbiam. A Polônia era supostamente uma zona livre de ataques nucleares. Entretanto, ordenadamente empilhadas a um lado, viam-se ogivas nucleares para foguetes.

Ryszard olhou atentamente para os dispositivos e, hesitante, estendeu a mão, como se para tocar uma cobra em cativeiro. Sentiu então um calafrio de pavor.

À medida que se aprofundava no mundo secreto da estratégia soviética, vislumbrava um panorama assustador. Sua missão era preparar o país para uma guerra real contra o Ocidente, e ele viu em primeira mão as conseqüências disso para a Polônia.

A União Soviética organizara suas forças militares em unidades de avanço rápido destinadas a uma invasão maciça da Europa Ocidental. O plano exigia que uma avalanche inicial de tropas russas e de países do Pacto de Varsóvia avançasse impetuosamente para o oeste. Em segui-

da, mais 2 milhões de homens invadiriam a Polônia para a arremetida homicida.

A estratégia também requeria ataques nucleares maciços, antecipando-se à Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan.

Ryszard sabia que à Otan só restaria usar armas nucleares contra os soviéticos enquanto eles permanecessem na Polônia.

O cenário era óbvio: um dilúvio atômico devastaria o país. Mais uma vez, a Polônia seria sacrificada.

Cada vez mais preocupado, Ryszard assistiu a dois importantes acontecimentos que fariam com que repelisse irremediavelmente o regime comunista. Em agosto de 1968, as forças soviéticas invadiram a Che-

Ryszard olhou para os dispositivos e, hesitante, estendeu a mão, como se para tocar uma cobra em cativeiro.

coslováquia, esmagando a experiência de Praga para humanizar o comunismo, e em dezembro de 1970 o Exército polonês – os próprios companheiros de Ryszard – apontou as armas contra manifestantes nas cidades de Gdansk e Gdynia. “Veja o que esses patifes fizeram!”, disse Ryszard, indignado, a um amigo.

Depois do massacre Gdansk-Gdynia, Ryszard já não podia ignorar o fato de que a Polônia tinha trocado o sistema brutal de um usurpador por outro. Ele agora considerava os soviéticos opressores perigosos,

numa reversão total de suas convicções da juventude.

Então resolveu agir.

‘EU SOU P.V.’

NO ANO SEGUINTE, Ryszard começou a trabalhar em seu plano. Em casa, registrava num livreto dados sobre as estratégias soviéticas secretas. Decidiu que iria oferecer as informações aos Estados Unidos. Sabia que só os americanos tinham força política e militar para ajudar a libertar a Polônia.

Mas como chegar a eles? Tentar fazer contato em Varsóvia era impraticável. A contra-espionagem polonesa vigiava dia e noite o pessoal da embaixada dos Estados Unidos. O contato teria de ser fora da Polônia.

Ávido homem do mar, Ryszard concebeu um plano inteligente. Convenceu seus superiores de que um grupo seletivo de oficiais poderia coletar informações secretas úteis se fizesse alguns cruzeiros pelo litoral europeu. Passando por turistas, Ryszard e nove coronéis do Exército começaram a visitar vários portos a bordo do veleiro *Legia*, de dois masts e 48 pés.

Numa tarde de agosto de 1972, o *Legia* ancorou no porto alemão de Wilhelmshaven. Ryszard desembarcou e começou longa e tortuosa caminhada pela cidade. No percurso, comprou um lápis, um bloco e dois envelopes.

Depois de voltar pelo mesmo caminho, a fim de se certificar de que

não estava sendo seguido, ele entrou rapidamente numa pequena agência do correio. Lá, redigiu um bilhete: “Sou oficial de um dos países do Pacto de Varsóvia. Gostaria de me encontrar com um representante das forças armadas americanas na Alemanha, cuja patente deve ser no mínimo de coronel. Ele deve falar russo ou polonês. Devo telefonar para sua embaixada na capital holandesa em minha próxima viagem, daqui a uns cinco ou dez dias.”

Assinou a mensagem enigmaticamente com o codinome *P.V.*, limpou o papel com um lenço, para apagar as impressões digitais, e o colocou num envelope onde escreveu “Adido Militar dos Estados Unidos”, limpando-o também. Pôs rapidamente o primeiro envelope dentro do segundo, e o endereçou: “Embaixada dos Estados Unidos, Bonn”.

Ao ver o envelope desaparecer na fenda para depósito da correspondência, Ryszard se deu conta de que acabava de se comprometer com um futuro perigoso e incerto.

Uma semana após mandar a mensagem, Ryszard aportou na Holanda. De uma cabine telefônica, ligou para a embaixada americana em Bonn e pediu para falar com o gabinete do adido militar.

– Eu sou *P.V.* – disse em russo. – O senhor recebeu minha mensagem?

– *Da* – respondeu uma voz. – Encontre-me em frente à estação ferroviária às 10 da noite. Vou estar segurando um exemplar da revista *Time* na mão esquerda.

Naquela noite, pouco depois das 10, Ryszard andou calmamente até o local combinado. Lá avistou um homem alto, corpulento, de cabelos grisalhos cortados à escovinha e óculos de aro dourado, parado indiferentemente ao lado da entrada principal da estação. Na mão esquerda trazia um exemplar da *Time*.

– *Dobry vyecher* [Boa noite] – disse Ryszard.

– Siga-me – respondeu o homem, e saiu andando.

Ryszard o acompanhou até um carro estacionado na esquina, que os levou a um pequeno hotel. Ali subiram para um quarto no segundo andar, onde o homem se apresentou:

– Meu nome é Henryk. – E mostrou a Ryszard uma carteira de identidade militar. – Sou coronel do Exército americano.

Ryszard replicou formalmente:

– Sou oficial do estado-maior polonês.

Explicou que ele e outros oficiais das forças militares polonesas esperavam trabalhar em colaboração com os Estados Unidos para evitar a guerra e livrar a Polônia do jugo soviético. Ele tinha condições de oferecer informações vitais sobre os planos de guerra soviéticos.

Houve longo silêncio. Henryk e os dois homens que o acompanhavam entreolharam-se. Em seguida começaram a fazer perguntas a Ryszard sobre as instalações militares soviéticas, tentando achar divergências ou inconsistências que pudessem traí-lo como impostor.

Ryszard sabia que havia cruzado a fronteira. Agora não tinha escolha a não ser confiar nos americanos. Assim, respondeu com franqueza às perguntas deles.

Duas horas depois Henryk deixou o oficial polonês perto do porto. Eles combinaram mais três reuniões nos próximos portos de parada de Ryszard, ou seja, Amsterdã, Roterdã e Oostende.

Naquela noite, mensagens cifradas foram trocadas entre Haia e Washington. Sim, respondeu a CIA a uma pergunta de Henryk, existia um coronel Ryszard Kuklinski. Segundo as informações, ele era oficial do estado-maior.

Henryk ficou impressionado, mas se manteve cauteloso. E se esse homem fosse um chamariz “plantado” pelo serviço secreto soviético ou polonês para confundir a Otan? Pior: e se fosse um fanático planejando fomentar um levante armado?

Na reunião seguinte, Henryk testou Ryszard, utilizando um truque clássico do serviço secreto. Fez-lhe perguntas – cujas respostas já sabia – sobre assuntos altamente secretos do Pacto de Varsóvia. Com sua notável memória, Ryszard expôs sem vacilar fatos e números. Suas respostas foram absolutamente precisas.

Henryk sugeriu então situações plausíveis que sabia serem falsas.

Ele sabia que havia cruzado a fronteira. Agora não tinha escolha senão confiar nos americanos.

Ryszard objetou ou disse que não as conhecia. Tudo conferia. Henryk se convenceu de que o homem estava dizendo a verdade. Delicada mas firmemente, rejeitou a sugestão de Ryszard de despedaçar toda a máquina de guerra soviética, por considerar tal idéia por demais ambiciosa. Ryszard ficou desapontado, mas concordou.

Depois de lhe passar as primeiras instruções, Henryk concluiu:

– Quando voltar a Varsóvia, não tente nos contatar: nós o procuraremos. – E acrescentou mais um detalhe: – Quando estacionar, deixe sempre a janela um pouquinho aberta.

Henryk estava certo de que afinal havia encontrado uma fonte nova e incomparável. O que ele ainda não podia calcular era que uma das maiores operações de espionagem da guerra fria estava para começar.

Cumprimentos da Águia

NOS CINCO MESES que se seguiram ao retorno de Ryszard à Polônia, nada aconteceu. Então, em certa manhã cinzenta de janeiro de 1973, ele avistou um envelope no chão de seu carro. Dentro, estavam indicados a hora e o lugar de uma reunião em Varsóvia, assim como uma localização alternativa, além da descrição detalhada do carro que estaria presente.

Ryszard tomou um ônibus para o local de encontro, o cemitério Wolski, com nove rolos de filme no bolso

do sobretudo. No lugar especificado, havia um carro. Ele se aproximou e cometeu o primeiro erro.

Dentro do veículo, um casal de agentes americanos o observava, incrédulo: Ryszard estava de uniforme! Obviamente ele ainda não dominava os detalhes de um jogo mortal como aquele.

Um nervoso Ryszard se acomodou rapidamente no assento traseiro. Enquanto pedestres passavam apressados pela movimentada área, ele entregou os rolos de filme:

– Isto é para o comandante supremo da Otan. É material soviético: meu presente para as suas forças armadas.

O casal agradeceu e foi direto ao assunto. Disseram-lhe que quanto mais dados ele pudesse fornecer sobre o Exército Vermelho e os planos de Moscou, melhor seria. E que deveria usar seu codinome – Jack Strong – sempre que se comunicasse com eles.

À parte os enganos no vestuário, a qualidade das informações secretas que ele forneceu era realmente extraordinária. Quando os dados chegaram aos Estados Unidos, deixaram atordoados os peritos da sede da CIA, em Langley, Virgínia. O chefe de relatórios da Divisão Soviética e do Leste Europeu assobiava baixinho enquanto examinava página após página de documentos em caracteres cirílicos nas fotos em preto e branco batidas por Ryszard. Todas as informações eram material secreto do mais alto nível.

Com essa fatura de excelentes informações em jogo, era chegada a hora de requisitar um oficial de casos especiais para lidar com Jack Strong.

Foi assim que, dois meses depois, numa noite abafada de junho de 1973, David Forden foi convocado. Ele andava de um lado para outro numa casa em Hamburgo, Alemanha, aguardando um dos mais importantes encontros de sua carreira. Sabia que cabia a ele conquistar a confiança de Ryszard.

A porta abriu-se de repente, e o coronel Henryk entrou na sala, acompanhado por um homem magro e bronzeado, de bermuda, tênis e camisa pólo, parecendo um apreciador do mar em férias. Esse homem, porém, tinha uma postura diferente. Adiantou-se, ereto e em passos firmes, e, batendo continência, apresentou-se:

– Coronel Ryszard Kuklinski, senhor.

– Trago-lhe cumprimentos da Águia – respondeu David Forden em polonês, citando o nome em código do diretor da CIA. – De quanto tempo dispõe?

Essa atitude marcou o ritmo de todos os encontros futuros: pouca conversa e muita eficiência.

Forden examinou o homem cuidadosamente. Embora o trabalho de espionagem exigisse astúcia e trapanças, o instinto de Forden lhe disse que esse homem não toleraria duplicidade de atitudes. Assim, resolveu ser completamente franco com ele:

– Coronel – disse –, não sou ofi-

cial do Exército. Trabalho na CIA. Estamos a par de que sua intenção era que as informações enviadas chegassem às forças militares dos Estados Unidos, mas nós temos o pessoal e a experiência para nos comunicar com o senhor em segurança. Posso lhe assegurar que as forças militares receberão todos os benefícios de seu trabalho.

E, sem mais, foram direto ao assunto. Primeiro, Forden relacionou as perguntas de Washington e uma lista de documentos desejados. Ryszard respondeu de memória às perguntas que pôde, e fez anotações mentais para pesquisar o que não sabia.

Sem tempo a perder, Forden passou logo ao novo contato algumas normas de sobrevivência:

– Regra nº 1: sempre tome cuidados extremos, exagerados até. Só copie um documento quando tiver certeza de estar sozinho. Se alguém o surpreender, fique calmo. Olhe a pessoa nos olhos, sempre mantendo contato visual, pois assim não parecerá evasivo. O mais importante, porém, é que, agindo desse modo, a pessoa só vai reparar em seus olhos.

E prosseguiu:

– Sempre tenha pronta uma história que justifique seus atos, e uma segunda de reserva, que possa explicar qualquer atitude incomum que

‘Regra nº 1: tome cuidados extremos, até exagerados. E, se alguém o surpreender, fique calmo.’

o senhor tome. E lembre-se: deve continuar com seu trabalho de forma absolutamente normal.

Um plano foi logo elaborado. As reuniões seriam programadas utilizando-se o velho carro de Ryszard como justificativa. Quando chegasse ao porto, iria supostamente comprar peças sobressalentes. Henryk as compraria para ele e lhe contaria onde as adquirira, para o caso de alguém perguntar. As notas de venda saíam em nome de Ryszard.

– Não haverá contato direto em Varsóvia, exceto para entregar material – disse Forden. – É muito arriscado. Nós nos comunicaremos por meio de sinais.

Salvo por um triz

NOS MESES seguintes, Ryszard foi se adaptando ao estranho mundo da espionagem, recheado de indícios e sinais sutis, códigos e técnicas de coleta e entrega de dados. Aprendeu que uma fita na janela podia significar “Tenho um recado para você”; que um livro na janela traseira do carro talvez quisesse dizer “Perigo, estou sendo vigiado”; que um par de luvas levadas na mão esquerda ou as rodas de um carro estacionado viradas para a esquerda poderiam indicar: “Caminho livre.”

Quando Ryszard chegou ao escritório, olhou com novos olhos para os documentos em sua mesa. Sem que os colegas soubessem, o oficial dedicado e trabalhador estava vivendo uma perigosa vida dupla. E no bolso

levava uma câmera em miniatura fornecida pela CIA.

Ele mal começara a usá-la quando, por um triz, não foi apanhado. Certo dia, no horário de almoço, achando que estava sozinho, pôs na mesa um maço de dados soviéticos altamente confidenciais e começou a fotografá-los. Inesperadamente, um jovem coronel da contra-espionagem irrompeu na sala quando Ryszard empunhava a máquina fotográfica.

As palavras de Forden lhe vieram à mente: “Fique calmo. Mantenha contato visual.” Olhando firme para o coronel, Ryszard calmamente guardou a câmera no bolso e, com um breve movimento, trocou-a pelo isqueiro e acendeu um cigarro.

– Muito trabalho? – perguntou o coronel, solícito.

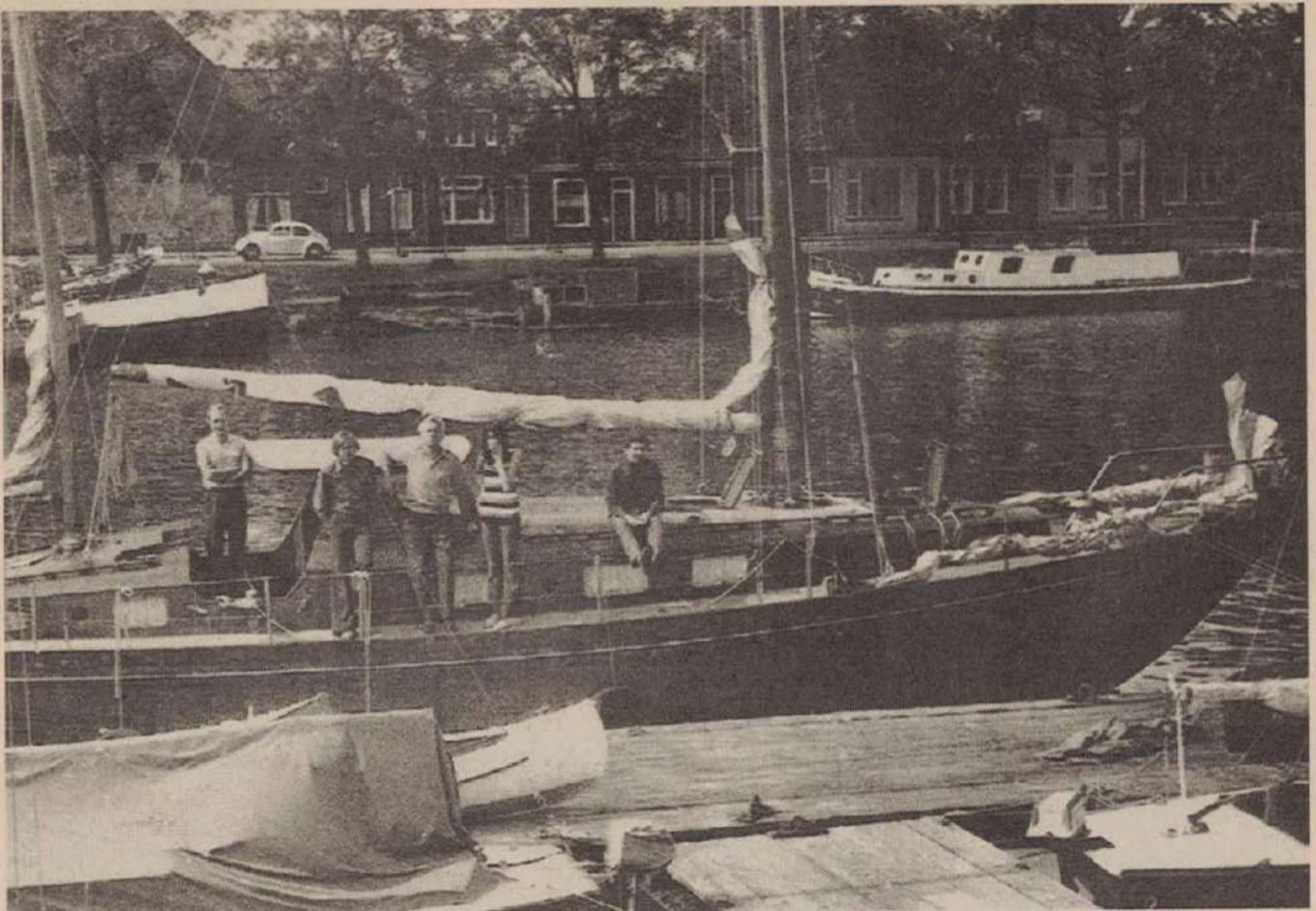
– Como sempre – respondeu Ryszard, com um sorriso de resignação. – Cigarro? – ofereceu.

Os dois conversaram um pouco e após alguns minutos o coronel foi embora, sem ter notado os papéis em cima da mesa ou a câmera.

Ou teria notado?

Durante meses depois desse dia, Ryszard foi atormentado pela desconfiança: *Talvez ele tenha percebido tudo. Talvez estejam me vigiando agora.* Como nada aconteceu, ele se acalmou – um pouco.

No outono de 1974, novamente quase ocorreu uma tragédia. O coronel tinha um embrulho de filmes para a CIA. Preparou-se para fazer a entrega às 8 da noite, num ponto de encontro em Varsóvia. Depois do



Segredo no mar— Quando o barco polonês *Legia* aportou na Holanda, em 1972, Kuklinski estava a bordo, não para passear, mas sim espionar.

trabalho, vestiu roupas civis e dirigiu até o local.

Chovia um pouco enquanto Ryszard esperava na esquina da rua, com a valise na mão, consultando o relógio. O carro de coleta estava atrasado.

Passaram-se dois minutos. Forde o prevenira de que nunca deveria permanecer num lugar de encontro por mais de um ou dois minutos, mas Ryszard estava ansioso para entregar os rolos de filme. Esperou dois minutos e meio, três minutos. Aquilo não era um bom sinal; ele precisava sair dali.

Começava a se afastar quando o carro de coleta surgiu na esquina.

Sem pensar, Ryszard quebrou uma regra fundamental da espionagem: chamou a atenção ao acenar e se aproximar do motorista. No momento em que enfiava o pacote pela janela, outro carro dobrou a esquina, e a luz dos faróis o pegou em cheio.

Seu primeiro pensamento foi: vigilância. Rapidamente se escondeu num vão de porta, correu pelo pátio escuro de um prédio de apartamentos, entrou num beco, e foi sair numa rua de mão única.

Nesse instante um carro apareceu na esquina com os faróis altos. Estava acelerando muito, embora se encontrasse na contramão.



Decisão de cúpula- Kuklinski observa o ministro da Defesa polonês, general Jaruzelski, assinar os documentos do Pacto de Varsóvia.

Num segundo, Ryszard correu para outro pátio e atravessou um labirinto de becos, até que, meia hora depois, se viu na estação ferroviária do centro de Varsóvia.

Vários trens esperavam. Ele aguardou até um deles se preparar para partir, e embarcou. Saltou duas estações depois, pouco antes que o trem tornasse a sair.

Quando olhou à sua volta e viu que a plataforma estava deserta, voltou a respirar. Mas, e se seus perseguidores o tivessem visto bem? *Preciso mudar minha aparência*, pensou.

Primeiro, encheu de pedras a valise vazia e a atirou de uma ponte no Rio Wisla. Depois, tomou um táxi, foi a uma barbearia aberta 24 horas e cortou o cabelo. Quando chegou em casa, queimou as roupas.

Um Ryszard Kuklinski de olhos inchados, mas cauteloso, apareceu no trabalho na manhã seguinte. Naquela tarde, ao olhar atentamente pela janela, viu um estranho perto de seu carro. Vigilância? Coincidência? Como poderia saber? Resolveu que não tinha alternativa a não ser seguir em frente.

Um homem com um dever a cumprir

DE VOLTA À SEDE da CIA em Langley, Forden, agora chefe de operações internas para a União Soviética e a Europa Oriental, ficou profundamente preocupado ao saber que Ryszard escapara por pouco já mais de uma vez.

O coronel polonês estava fornecendo à agência as melhores informações desde que, na década de 60, um coronel soviético alertara o Ocidente sobre os mísseis russos em Cuba.

Era uma comparação ruim. Aquele coronel havia sido apanhado e executado – queimado vivo, segundo um boato que chegara aos ouvidos de Ryszard, e a execução fora filmada para servir de aviso aos demais.

O volume de segredos enviados por Ryszard é até hoje confidencial, mas as pessoas envolvidas no caso estimam que ele tenha passado a Washington mais de 35 mil páginas de documentos, durante seus nove anos e meio de trabalho.

As informações abrangiam assuntos como o altamente secreto plano soviético para uma guerra na Europa, detalhes de seu sistema de comando e controle, localização de mísseis, instalações de depósitos nucleares e casamatas de comando, uma análise magistral dos pontos fracos da Otan, um manual de 300 páginas sobre guerra eletrônica, e até um alerta de que o Exército Vermelho estava na iminência de invadir um país ao sul, que veio a ser o Afeganistão.

Ryszard era a jóia de valor inestimável da CIA, e os oficiais da agência tentaram assegurar que o sigilo sobre a operação fosse absoluto.

A verdadeira identidade de Ryszard só era conhecida por Forden e uns poucos oficiais da CIA. Ainda assim, Forden sabia que nada podia ser totalmente seguro. Sempre havia o risco de um mandachuva deixar-se levar pelo entusiasmo com o mais recente golpe do serviço secreto e se vangloriar ao telefone. Isso poderia ser desastroso em Washington, onde os telefonemas eram gravados pela embaixada soviética dia e noite.

Enquanto a CIA se esforçava para manter sigilo em Washington, Ryszard trabalhava em Varsóvia em solitária dedicação, pois seu terrível segredo não era partilhado pela mulher nem pelos dois filhos ou pelos amigos mais íntimos. Sabia que, se fosse apanhado, a única proteção dos que lhe eram próximos seria o desconhecimento do que ele fazia.

O tempo todo, Ryszard continuava a ser o soldado exemplar, sem nunca recusar missões. Levantava-se de madrugada e trabalhava sem cessar, sabendo que um passo em falso lhe custaria a vida, mas continuando a enviar segredos para os Estados Unidos.

Forden e os colegas se preocupavam. Ryszard estava tentando fazer demais, depressa demais. Forden mandou a seguinte instrução: “Digam-lhe para ir mais devagar.”

Ryszard ficou grato pela preocupação, mas era um homem obstina-

do. Redobrou os esforços, achando que a única maneira de salvar a Polônia era manter a Otan tão forte que os soviéticos não ousassem implementar seu plano-mestre. Pouco depois do aviso de Forden, Ryszard entregou mais informações.

Forden ficou perplexo. *Esse homem acredita que tem um dever a cumprir, refletiu. Mas quanto tempo ele pode durar?*

Em 1975 Ryszard fez o quarto e último cruzeiro. Chegara uma ordem da contra-espionagem polonesa para que os cruzeiros cessassem. Suspeitariam de algo? Ryszard não sabia.

Fosse como fosse, isso significava que os encontros nos portos não mais se realizariam. Forden sentiria falta do amigo. Seu interesse em manter Ryszard a salvo já tinha extrapolado a preocupação profissional. Ele o admirava como patriota e ser humano.

– Lembre-se – ressaltou, ao fim do último encontro dos dois. – Em caso de risco, não hesite em interromper seu trabalho conosco. O material é importante, mas sua vida vale mais.

– Se me apanharem, levarei os segredos comigo – respondeu Ryszard.

– Nada disso – protestou Forden. – Se estiver em perigo, encontraremos um meio de livrá-lo.

Solidariedade

EM AGOSTO DE 1980, a cidade portuária de Gdansk entrou bruscamente para a história. A economia planejada da Polônia estava em situação calamitosa, e os ope-

rários empobrecidos ameaçavam revoltar-se, de uma extremidade a outra do país. Finalmente a rebelião irrompeu no enorme Estaleiro Lenin. Os operários entraram em greve e cruzaram os braços, liderados por um corajoso jovem eletricista chamado Lech Walesa, sobrevivente do massacre de 1970.

Com o país virtualmente paralisado, as autoridades concordaram com concessões inéditas. Em 31 de agosto, Walesa assinou um acordo com o governo polonês que dava aos trabalhadores o direito de greve e de organizar sindicatos independentes. Alguns prisioneiros políticos foram libertados, aumentaram-se os salários e a censura foi restringida. Nasceu de uma greve histórica o sindicato chamado Solidariedade.

Sentindo uma onda de esperança, Ryszard viu a assinatura do acordo pela televisão. *Afinal, talvez o mundo possa ser modificado*, pensou. A essa altura, sua inteligência e capacidade ilimitada de trabalho o haviam promovido às esferas mais elevadas do estado-maior polonês. Como “coronel pleno”, ele era agora o representante principal da Diretoria de Operações. Quanto mais subia hierarquicamente, mais valiosas se tornavam suas informações.

Nessa época, Forden havia encontrado um meio mais seguro de Ryszard se comunicar com os oficiais encarregados da operação no escritório da CIA em Varsóvia, utilizando um dispositivo que eles chamavam de “engenhoca”. Quase do tamanho

de um telefone celular, o dispositivo combinava transmissor e receptor, gravador e máquina codificadora num aparelho compacto. Embora pudesse enviar e receber uma página datilografada de texto, sua função básica era indicar locais para entregas seguras de documentos.

Nesse meio tempo, Ryszard soube que a União Soviética estava furiosa com os acordos de Gdansk. O Exército Vermelho, o governo polonês e os aliados do Pacto de Varsóvia estavam obcecados pelo sindicato de Waleza, e por uma forma de destruí-lo.

Walesa nunca teve conhecimento do dedicado aliado de que dispunha em Varsóvia. Ryszard passava à CIA todo documento e decisão importante de seu escritório. Sabia que só a pressão americana poderia impedir os soviéticos de repetir os acontecimentos de Praga em 1968.

No fim de novembro de 1980, a catástrofe começou a tomar forma. Meio milhão de soldados das tropas do Pacto de Varsóvia se concentraram nas fronteiras da Polônia. Ryszard sabia que no dia 8 de dezembro 15 divisões soviéticas estariam prontas para atacar violentamente, vindo da Rússia, além de duas provenientes da Checoslováquia e uma da Alemanha Oriental. O objetivo: tomar o país e prender ou executar os líderes sindicais.

À medida que avultava a planejada invasão, Ryszard pediu um contato de emergência. Com apenas alguns dias de intervalo, o plano de invasão estava nas mãos de Zbigniew

Brzezinski, assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos e amigo pessoal do papa João Paulo II, fervoroso partidário da liberdade para a Polônia.

Brzezinski instou o presidente americano Jimmy Carter a agir. Em 3 de dezembro, Carter emitiu um protesto. Particularmente, Brzezinski também informou à União Soviética que haveria sérias conseqüências: aumento das vendas de armas para a China, talvez um bloqueio em relação a Cuba e certamente o fim da política de *détente*.

Publicamente, os russos recuaram, mas Brejnev estava determinado a fazer o que queria. Em segredo ordenou ao general Jaruzelski, que logo seria nomeado primeiro-ministro da Polônia, que "esmagasse" o Solidariedade. Em dezembro de 1980, Jaruzelski voou a Moscou levando seus planos de lei marcial. Eles haviam sido preparados pelo estado-maior, inclusive pelo coronel Ryszard Kuklinski.

No verão de 1981, persistia um constrangedor impasse entre o Solidariedade e o governo. Diariamente o sindicato se fortalecia, organizando-se melhor. Os poloneses estavam aprendendo a respirar livres, e gostavam disso.

Mas Ryszard sabia que a repressão estava a caminho. Noite após noite,

‘Talvez o mundo ainda possa ser modificado’, pensou ao ver a assinatura do acordo pela TV.

muito depois que todos iam para casa, ele permanecia no gabinete, copiando documentos para a CIA, enviando mais relatórios do que nunca.

Analistas na sede da CIA estavam eufóricos com esse fluxo de dados secretos, mas também crescia sua preocupação. Ryszard estava se esforçando em excesso, fazendo em demasia, cortejando o desastre. Uma vez mais, os americanos telegrafaram a Varsóvia a instrução: "Digam-lhe que vá mais devagar."

A situação estava ficando perigosa. Espiões soviéticos alertaram seu governo sobre vazamentos importantes. Numa reunião secreta em setembro de 1981, o ministro do Interior polonês fez uma comunicação angustiada: "Moscou está reclamando que informações discutidas no Politburo chegaram ao Solidariedade em 24 horas." Não só isso: o sindicato tinha todos os detalhes do plano de lei marcial, incluindo seu nome em código secreto, *Wiosna* (Primavera). "Houve um vazamento catastrófico."

Ficava claro para as forças militares polonesas que havia um "bicho na maçã". E começava uma caçada para encontrá-lo.

S.O.S.

DESDE O INÍCIO, oficiais da CIA haviam trabalhado com o maior afinco para manter a Operação GULL absolutamente secreta. Estavam até certo ponto seguros de que ninguém da agência deixara vazar informações,

mas havia muitas outras possibilidades.

Um figurão de Washington poderia ter falado demais ao telefone errado. E ainda havia o Vaticano. O papa polonês, ferozmente anticomunista, sem dúvida tinha as próprias fontes de informação, e o chefe da sede do KGB em Roma era incommumente capaz. Teria ele contatos e informantes na Cúria?

Em Varsóvia, Ryszard sentiu um calafrio ao saber do vazamento. Não mais de dez pessoas na Polônia tinham conhecimento de que o nome em código da lei marcial era Primavera. Sendo uma dessas pessoas, Ryszard automaticamente estaria sob suspeita.

E havia também outro problema. Ao se prepararem para a reunião de setembro, o chefe do estado-maior, general Florian Siwicki, ordenara a Ryszard que elaborasse um discurso sobre o plano de lei marcial. Eficiente como sempre, o coronel logo escreveu o discurso, que incluía uma frase rotineira: "Como é normal numa situação dessas, o uso de armas pode ser necessário."

Após terminar o trabalho, ele o fotografou e entregou o filme para ser passado à CIA, em Langley.

Na manhã seguinte, enquanto analisava o discurso, o general Siwicki objetou:

— Não, a decisão de usar armas não é da minha competência. — E eliminou a frase.

Só que ela se encontrava na versão mandada a Langley. Se o discurso va-

zasse, a frase-chave seria um dedo apontando para Ryszard.

Ainda assim, ele continuou a enviar dados aos Estados Unidos. Pouco após a reunião de setembro, mandou a seguinte mensagem: "Ainda não se decidiu a data para implantar a lei marcial, mas o plano está no estágio final. Não terei mais condições de enviar relatórios periódicos, mas, por favor, partilhem esta informação com aqueles que estão lutando por uma Polônia independente. Viva o Solidariedade, que pode trazer liberdade aos poloneses oprimidos!"

Em Langley, a preocupação da CIA atingiu a fase do alarme. A rede de contra-espionagem polonesa estava fechando o cerco. Por que Ryszard não se continha?

Em novembro, ele foi convocado para uma reunião com o general Jerzy Skalski, chefe substituto do estado-maior. Sentados com ele à mesa de conferência estavam dois coronéis e outro general. Lívido, Skalski apontou-lhe uma cadeira diretamente à frente da sua.

— Chamei os senhores aqui — disse ele gravemente — porque dois fatos muito importantes aconteceram. Primeiro: os secretários do partido disseram ao general Jaruzelski que, se ele não declarar a lei marcial logo, eles o farão. E o segundo: soubemos de fontes em Roma que a última versão do nosso plano de lei marcial vazou, e já chegou a Langley.

Um silêncio pesado pairou na sala. Ryszard compreendeu que o jogo chegara ao fim. Olhando inexpressi-

vamente para a frente, tentava pôr as idéias em ordem.

Estava a ponto de falar quando o outro general se levantou e, com um gesto de desprezo, disse:

— Tenho certeza de que o vazamento não saiu daqui, mas estou pronto para colaborar com qualquer investigação.

Como se tivessem ensaiado, os outros dois coronéis fizeram propostas semelhantes.

Então Ryszard percebeu que todos o olhavam. Saberiam de tudo?

— Concordo inteiramente com os coronéis — murmurou num tom mecânico.

Nesse momento, Skalski cortou:

— Não estou aqui para investigar! — gritou. — Eu os convoquei para discutir nossa situação!

A reunião prosseguiu como antes.

Eles não sabem de nada, pensou Ryszard ao sair da reunião. Mas se deu conta de que estava livre do problema apenas temporariamente. Uma criteriosa operação de contra-espionagem sem dúvida o apontaria como culpado.

Ryszard dirigiu-se para casa. Estava arrasado, fisicamente exausto. Quando sua mulher abriu a porta e viu seu rosto abatido, espantou-se:

— Ryszard, o que aconteceu?

— Hanka — disse ele —, há anos es-

Ficou claro para as forças militares polonesas que havia um 'bicho na maçã'. Começou então a caçada para encontrá-lo.

tou envolvido numa perigosa operação anti-soviética com os americanos. Talvez agora eu seja descoberto. Posso ser preso a qualquer momento.

Ele falou de modo estranhamente formal, apesar de estarem casados havia quase 30 anos. Agradeceu à mulher sua lealdade e o que havia

feito por ele e os filhos, e pediu-lhe desculpas por não ter compartilhado o segredo com ela.

Apavorada, Hanka quis saber:

– Não podemos nos esconder? Não podemos fugir?

– Não sei – respondeu ele –, mas talvez haja uma possibilidade. –

PRÓXIMO MÊS

MILAGRE DE NATAL

Eles precisavam acreditar na única cirurgia que poderia dar à menina oxigênio suficiente para viver.



© PIERRE DUFOUR

MAIS

A RAPOSA NA COZINHA

Quem iria imaginar que o pequeno animal salvo mudaria a vida de uma família?

LUTANDO CONTRA AS CHAMAS

Ninguém tinha coragem de ajudar a policial caída. Mas um homem não a deixaria morrer.

PERGUNTAS QUE OS PAIS DE PRIMEIRA VIAGEM SEMPRE FAZEM

Um pediatra esclarece as dúvidas mais comuns sobre como cuidar dos bebês.

A CRUZADA DO PADRE COLIN MACINNES

Ele arriscou a vida para levar um pouco de luz a 70 mil pessoas, numa das áreas mais pobres do mundo.

Ryszard lembrara do amigo David Forden. E continuou: – Os americanos prometeram que me livrariam de qualquer problema.

Na manhã seguinte ele foi trabalhar, mas à tarde, por meio de sua “engenhoca”, enviou um pedido de socorro imediato. Escreveu palavras que pensou que jamais usaria: “As autoridades estão a par dos vazamentos. Encontro-me sob suspeita. Preciso de ajuda.”

A fuga

EM LANGLEY, naquela manhã, quando David Forden chegou à sede, um agente de plantão o esperava com um papel na mão e disse: “Recebemos um telegrama de Varsóvia.”

Forden agarrou o papel e começou a ler enquanto caminhava. Por mais de oito anos ele temera esse momento, e convocou uma reunião de emergência dos oficiais da divisão que trabalhavam na operação. Eles concordaram que era a pior época possível para tirar um de seus agentes da Polônia. Os telefones se achavam grampeados e, com o país à beira da lei marcial, as forças armadas estavam em alerta total.

Enquanto isso, os serviços de contra-espionagem do KGB e da Polônia fechavam o círculo do vazamento. Raras vezes a vigilância fora tão estrita. Na Polônia, cada agente da CIA era vigiado noite e dia. Mas a chefe substituta do escritório em Varsóvia, mulher com vá-

rios anos de experiência na agência, conseguiu livrar-se dos homens que a seguiam e encontrar-se com Ryszard.

Fingindo-se de namorados, os dois andaram calmamente de mãos dadas numa calçada, avaliando as opções.

– Podemos livrá-lo, se o senhor vier comigo imediatamente – propôs a agente.

– Não – recusou Ryszard. – Ou minha família e eu vamos embora juntos, ou eu não vou.

A essa altura, ele já contara aos filhos, de 26 e 28 anos, sobre suas atividades secretas. Os dois haviam concordado em partir com os pais.

– Aí fica um pouco mais complicado – explicou a mulher.

Na quarta-feira, Ryszard foi trabalhar na expectativa de ser preso a qualquer momento. Naquela noite, ele e a família tomaram caminhos diferentes e apareceram num local de encontro pré-selecionado para dar início à fuga. Esperaram dois minutos, mas o carro da CIA não veio. Os agentes não conseguiram livrar-se da vigilância. A família se separou e voltou para casa.

Chegou a quinta-feira. Ryszard dirigiu-se para o trabalho como se aquele fosse apenas mais um dia. À noite, ele e a família reuniram-se mais uma vez num local de encontro. E, novamente, nenhum carro.

Veio a sexta-feira. De novo a família se encaminhou ao lugar combinado. E esperou dois minutos por um veículo que não apareceu. Decerto a sorte estava indo embora.

Em Langley, Forden e os colegas andavam muito preocupados. Todo o seu pessoal em Varsóvia se encontrava sob severa vigilância; logo que enganavam alguém que os seguia, outra pessoa surgia.

Forden mudou de tática, e resolveu enviar caras novas. Na sexta-feira mandou que dois agentes fossem, de avião, da Alemanha para Varsóvia. O plano tinha de funcionar.

Tarde da noite, Ryszard recebeu um recado na "engenhoca": "Novo plano. Esteja no local alternativo 14, sábado, à meia-noite."

O último ato

ANTES DE SAIR do trabalho na tarde de sábado, Ryszard disse ao chefe que segunda-feira de manhã iria visitar a sogra no interior e só voltaria à tarde. Ele esperava que essa história lhe desse uma vantagem de 48 horas.

Então foi para casa. A caminho, contemplou pela janela do carro a cidade onde nascera.

Por volta das 4 da tarde telefonou a amigos para lhes dizer que ele e Hanka logo chegariam à festa. Certo de que havia mais pessoas escutando, imaginou: *Agora tenho uma explicação para sair de casa e demorar a voltar.*

Às 4h30, ele e Hanka entraram no carro e dirigiram-se à casa de um amigo, que dava uma festa de aniversário. Foi como muitas outras noites no passado, exceto por alguns dos amigos perceberem que Ryszard estava mais calado do que de costume.

Às 9 da noite, ele e Hanka se despediram, mas, em vez de voltar para casa, tomaram a direção do interior. Ryszard estacionou no acostamento, tirou o uniforme e vestiu roupas civis. Depois dirigiu o carro para Varsóvia, voltou pelo mesmo trajeto, e continuou um caminho em zigue-zague para despistar uma possível vigilância. Estacionou perto do cemitério Wolski, onde os filhos já os esperavam.

Agora só precisavam aguardar. Essa era sua última oportunidade.*

À meia-noite um carro apareceu. Ao volante estava um dos agentes que Forden enviara da Alemanha. Depois que todos se espremeram dentro do automóvel, o agente foi até uma garagem. Lá, por trás de portas fechadas, passaram para uma *van* da embaixada dos Estados Unidos. Movimentando-se pelas ruas escuras de Varsóvia, o veículo entrou rapidamente no conjunto de prédios da embaixada, onde uma segunda *van* os aguardava.

Este segundo veículo estava cheio de caixotes, móveis e vários objetos da embaixada, e era usado para transportar malotes semanais. Classificado como veículo destinado ao transporte de malotes diplomáticos, não podia, segundo acordos internacionais, ser revistado nem apreendido. Os grandes caixotes na traseira estavam vazios e tinham espaço sufi-

*ATÉ HOJE, Ryszard Kuklinski e David Forden não têm permissão para comentar os detalhes da fuga dos Kuklinskis de Varsóvia. Juntando as peças a partir de várias pistas, o autor recriou a sequência dos acontecimentos.

ciente para apenas três pessoas. Ryszard seria transportado clandestinamente em separado – era mais seguro para sua família.

Durante toda a noite a *van* seguiu para oeste, atravessando as cidades adormecidas de Konin e Poznan. Na manhã de domingo, enquanto as multidões se dirigiam à igreja, o grupo entrou na Alemanha Oriental, em Frankfurt-an-der-Oder. Dentro da *van*, a família de Ryszard prendeu a respiração, esperando que os oficiais liberassem a passagem.

Em duas horas estavam no setor dos aliados em Berlim, reunidos a Ryszard. A uns 6.500 quilômetros dali, o telefone tocou de madrugada. David Forden atendeu, rápido. Do outro lado da linha estava o oficial de plantão em Langley. Seu recado foi codificado: “Recebemos um telegrama de Berlim.”

As normas de segurança o proibiam de fornecer mais detalhes, mas seu tom de voz era nitidamente alegre. Isso fez Forden compreender que seu amigo e a família enfim estavam a salvo. Ele havia cumprido sua promessa.

O exílio

NA TARDE NEVOENTA e tempestuosa de 11 de novembro de 1981, David Forden esperava na Base da Força Aérea de Andrews. Um enorme avião militar verde-oliva aterrissou e taxiou. Quando a porta da frente se abriu, quatro exauridos poloneses saíram para o ar frio.

Com um largo sorriso, Forden caminhou na direção deles, recepcionou Ryszard com um abraço, e em seguida se virou para Hanka.

– Obrigada por nos ajudar – disse-lhe Hanka suavemente.

– São *vocês* que merecem agradecimentos.

Nas semanas seguintes, Ryszard começou sua nova vida no exílio, ocupando uma casa de subúrbio providenciada pela CIA, recebendo o salário de coronel do Exército americano, as maiores honrarias e o respeito da comunidade do serviço secreto dos Estados Unidos. Um mês após sua partida do país natal, toda a Polônia, ao acordar, encontrou tanques nas ruas, música solene no rádio e telefones mudos: o general Jaruzelski, primeiro-ministro da Polônia, havia finalmente cedido às pressões de Moscou e declarado lei marcial.

Walesa e mais de 5 mil pessoas foram presos e atirados na cadeia. O movimento democrático foi esmagado.

Nos Estados Unidos, Ryszard estava mortificado pela preocupação e pelas dúvidas. Tinha mais conforto material do que jamais tivera na Polônia, mas ansiava por voltar para lá.

Construiu sua vida nova como analista de defesa e conferencista em seminários militares do alto escalão. Sua família tinha novos nomes e documentos, um telefone que não constava no catálogo e residência secreta. Mas, mesmo protegidos pela CIA, todos continuavam vulneráveis.

Ryszard sabia que os serviços de contra-espionagem soviéticos não perdoariam ou esqueceriam, e sempre supôs que assassinos os estivessem procurando em algum lugar.

No verão de 1982, avistou um carro da embaixada soviética perto de sua casa na Virgínia. Poucas horas depois, a CIA o transferia com a família para uma nova casa. Três anos mais tarde, precisaram mudar-se no-

‘Por favor, peço que me perdoem. Em meu sangue e meu coração, minha pátria será sempre a Polônia.’

vamente, logo depois que um conhecido “superagente” polonês foi localizado ao atravessar a fronteira dos Estados Unidos. Ao todo, os Kuklinskis se mudaram cinco vezes nos Estados Unidos, tentando

manter-se sempre dois passos adiante de seus caçadores.

Na Polônia, Ryszard foi tachado de traidor. Em 1984 um tribunal militar retirou-lhe os direitos como cidadão polonês, confiscou-lhe os bens e, à revelia, sentenciou-o à morte.

Nos dois anos seguintes, Ryszard foi um homem sem pátria. Então, em 1986, a ele e à família foi concedida cidadania americana, com os nomes que adotaram.

Depois da cerimônia formal de entrega dos documentos de cidadania, Ryszard ofereceu uma recepção em sua casa.

– O coronel Kuklinski certamente discordará de mim – disse um emocionado Forden –, mas todos

nós que trabalhamos com ele o consideramos um grande herói.

Foi um momento ao mesmo tempo doce e amargo para Ryszard, porque, se significava um prêmio conquistado, significava também um país perdido.

– Estou orgulhoso de me tornar cidadão americano – disse ele, segurando os novos documentos. – Mas, e por favor peço que me perdoem, em meu sangue e em meu coração serei sempre polonês.

Epílogo heróico

NOS ANOS que decorreram desde a fuga de Ryszard em 1981, muitos fatos mudaram: o colapso do comunismo, a eleição de Lech Walesa como presidente da Polônia, a dissolução do Pacto de Varsóvia e o ingresso da Polônia na Otan.

Durante esse período, Ryszard observou essas dramáticas transformações de longe, enquanto se esforçava para aceitar sua vida de exilado. E em meio a tudo isso, horrível e tragicamente sofreu a perda mais dolorosa que um pai pode sofrer.

Seus inimigos, alertou ele, jamais esqueceriam. O primeiro golpe veio em janeiro de 1994: Boguslaw, o filho mais novo do casal, desapareceu quando praticava mergulho no litoral da Flórida. Seu corpo nunca foi encontrado. Exatamente seis meses depois, seu irmão, Waldemar, foi atropelado e morto por um motorista que fugiu. Ninguém foi preso.

Depois de tanto sofrimento e sacrifício, um raio de sol brilhou finalmente na vida de Ryszard em 1997, quando os promotores militares poloneses reexaminaram seu caso e decidiram que o coronel agira “no mais alto interesse” da Polônia. Devolveram-lhe os direitos de cidadão e a patente no Exército.

Em abril de 1998, a reconciliação se completou quando Ryszard foi chamado à Polônia como convidado do Solidariedade e das cidades de Cracóvia e Gdansk. Entrevistado pela imprensa, Ryszard declarou: “Sou apenas um soldado comum, e o que fiz era meu dever. Minha missão foi uma tentativa desesperada de evitar a 3ª Guerra Mundial. A reação de vocês, seus sorrisos e seu apoio me provavam que agi corretamente.”

Aonde quer que fosse, Ryszard era acolhido como herói. Mesmo ao andar na rua, aquele homem de 67 anos, vestindo um terno cinza despretensioso, se via cercado de poloneses sorridentes que o cumprimentavam. Pessoas exibiam cartazes e estandartes feitos à mão com os dizeres: “Bem-vindo, coronel. Nós o amamos!” e “Obrigado por resgatar a honra dos oficiais poloneses”.

Os que conseguiam aproximar-se atiravam-lhe cartas, medalhas, rosários e anéis. Outros jogavam flores.

Quando entrava em salas de conferência, era ovacionado de pé. O velho soldado só conseguia sorrir e timidamente erguer uma das mãos, num gesto de agradecimento.

Em nenhum outro lugar essa recepção calorosa significou mais para ele do que em Gdansk, a cidade cuja turbulenta história o havia impelido a iniciar sua temerária cruzada. Num chuvosa manhã de domingo, em maio de 1998, Ryszard se viu na nave da Catedral de Santa Maria, com um microfone na mão.

– O amor exige sacrifícios – disse ele, a voz ecoando na catedral – a Deus Todo-Poderoso e à nossa querida pátria, a Polônia.

Nenhum dos presentes podia realmente imaginar o quanto ele se sacrificara por seu país. Tudo que sabiam era que esse outrora obscuro coronel do Exército havia seguido sua consciência e arriscado a vida para tentar criar um futuro melhor para a Polônia.

Era o tipo de heroísmo discreto que raramente é reconhecido. Mas, naquele dia, a congregação inteira se pôs de pé e aplaudiu, numa aclamação prolongada, entusiasmada e alegre. Naquele momento, o coronel Ryszard Kuklinski sentiu que estava finalmente de volta ao lar. Sua missão chegara ao fim.

Apareceu nos classificados do jornal *Arizona Desert Sun*: “Procurase pessoa trabalhadora, entusiasmada, simpática e de confiança para comércio. Precisa saber lidar com clientes exigentes, colegas mal-humorados e um chefe ranzinza. Ligue para mais informações.”